

LITERATURA BRASILEIRA E AFRO-BRASILEIRA – AUTORIA

Consideradas ainda em construção, as noções de literatura afro-brasileira e de literatura negra são discutidas há décadas. Com efeito, dessas discussões surgiram variados critérios para seleção de textos literários afro-brasileiros. Um deles seria o da presença do negro no texto, seja na poesia, em peças teatrais e em narrativas, desde os relatos acerca do Novo Mundo até a literatura contemporânea. Outro critério é o da cor da pele do escritor que poderia provocar a expressão de uma perspectiva negra e brasileira, caso o escritor assumisse sua negritude.

Segundo Benjamim Abdala Júnior, é impossível dissociar a literatura afro-brasileira do engajamento literário. Pois o escritor engajado compromete-se com o momento histórico em que vive e sua produção tem sempre um alcance político e social, direcionada, implícita ou explicitamente, à conscientização do público leitor. A expressão literária pode ser a projeção da expressão individual do sujeito afrodescendente, porém estará sempre ancorada na vivência coletiva da discriminação e do estigma da escravidão, ou seja, terá

sempre presente o passado doloroso e revoltante dos antepassados. A memória revitalizada ajuda a reconstruir a história brasileira, apontando os silêncios, preenchendo as omissões, recuperando a verdade dos fatos, restaurando a dignidade de um segmento vilipendiado da nossa sociedade multiétnica.

As articulações textuais no conjunto da literatura afro-brasileira contribuem para a reconstrução identitária do sujeito, desconstruem os estereótipos etnocentristas, desenvolvem novas estratégias de abordagens do conhecido, deslocam o discurso hegemônico e criam novos espaços literários.

Nesses espaços literários, situam-se obras de escritores negros e, em número maior, mestiços de negros reconhecidos ou não como tal, nas quais a matéria negra é eventualmente tratada, num ou noutro texto. Podemos citar alguns textos pouco conhecidos e, por este motivo, com pouca representatividade: a partir do século XVIII, situam-se obras de escritores negros e, em maior número, de mestiços reconhecidos ou não, nas quais o negro é eventualmente tratado, num ou noutro texto. É o caso, por exemplo, de Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), filho de pai português e mãe africana, que assume, eventualmente, na sua *Viola de Lereno* (1798, t. 1 e 1826, t. 2) essa condição. São bastante citados os versos com que se dirige ao seu contemporâneo, o Pe. Antônio de Sousa Caldas: “Tu és Caldas,/ eu sou Caldas;/ Tu és rico,/ e eu sou pobre;/ Tu és o Caldas de Prata; / Eu sou o Caldas de cobre.” E ainda de Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz que, segundo Luiz Mott (1993), provavelmente é a mulher negra africana do século XVIII, tanto em África como na diáspora afro-americana e no Brasil, sobre quem se dispõe mais detalhes documentais acerca de sua vida, sonhos, escritos e paixão. É a primeira afro-brasileira a ter escrito um livro, do qual restaram algumas páginas manuscritas. Dos seus 46 anos de fantástica existência, viveu 20 anos no Rio de Janeiro, primeiro de 1725 a 1733, quando foi vendida para as Minas Gerais, lá permanecendo

por 18 anos seguidos, dos quais 15 como prostituta, retornando à cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro em 1751 e lá vivendo até 1763, quando é enviada presa para os Cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa. No século XIX destacamos Luís Gama (1850-1882), filho de africana com fidalgo baiano que se destaca pelas estrofes satíricas da “Bodarrada” (Quem sou eu?): “Eu bem sei que sou qual Grilo De maçante e mau estilo; E que os homens poderosos desta arenga receosos, hão de chamar-me tarelo, bode, negro, Mongibe.” A escritora Maria Firmina dos Reis, maranhense mulata, portanto afrodescendente, e bastarda, publica o romance *Úrsula* em 1859. Considerado o primeiro romance abolicionista do Brasil e um dos primeiros romances escritos por uma mulher, está inserido num contexto em que a prosa de ficção brasileira era substancialmente escrita por homens “brancos” e os temas ali tratados estavam voltados à proposta nacionalista do Romantismo. Em *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis denuncia a escravidão negra no Brasil, o papel submisso da mulher na sociedade patriarcal e conservadora do século XIX, a exclusão da mulher e do negro e a outros dramas sociais aos quais eram submetidos.

Autores reconhecidos pela historiografia literária brasileira também se dedicaram à temáticas relativas ao negro, embora não o tenham feito no conjunto de suas obras. Entre eles destacamos Machado de Assis, Cruz e Souza e Lima Barreto. Pouco a pouco, escritores negros e descendentes de negros começam a manifestar em seus escritos um comportamento *engagé* com a etnia.

O posicionamento engajado dos escritores afrodescendentes brasileiros só começa a corporificar-se nos anos de 1930 e 1940 e ganha força a partir dos anos de 1960 com grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, apesar da aparente presença pública.

Nos anos 30 do século XX, Lino Guedes (1897-1951) publica, entre outros títulos, *O canto do cisne preto* (1926), *Urucungo* (1936) e *Negro preto cor da noite* (1936): sua poesia é marcadamente irônica, com alguma dose de autocomplacência e apelos de afirmação racial bem comportada. Estão no primeiro caso os seguintes versos: “Se porventura mel fosse/ Não seria assim tão doce/ O sorriso de Pai João/ Que apesar de sofrer tanto/ De ninguém, tal como um santo, /Guarda rancor ou paixão!”

É incontestável, hoje, que a grande massa dos afrodescendentes não aceitou passivamente a condição da escravidão. Oficialmente, a historiografia negou a resistência escrava, fazendo passar a imagem do africano dócil e submisso. Porém, o escravizado procurava livrar-se desse jugo por meio dos mais diversos expedientes: pelo suicídio, pelo aborto, por fugas individuais e coletivas e através de levantes e revoltas. O poeta Solano Trindade, reconhece num poema dos anos de 1940 o potencial de resistência contido no bojo mesmo dos navios negreiros: “Lá vem o navio negreiro/Com carga de resistência./Lá vem o navio negreiro/Cheinho de inteligência.”

No Rio Grande do Sul, o poeta Oliveira Silveira (1941-2009) expressa com sarcasmo o ódio que movia os cativos: “Há muito tempo que eu tenho os meus porquês/Bendito o canibal/Que devorou a expedição/Bendito o vidro moído/Nos bifés do senhor,/Bendita a lança, as balas/De Zumbi, do Haiti, bendito os ritos/O saque/O fogaréu.”

Um dos temas preferidos dos intelectuais afrodescendentes brasileiros é a recuperação do período escravocrata e sua reação a esse regime. Estão, portanto, recuperando esse capítulo da nossa história. Oliveira Silveira compara a escravatura a uma “charqueada grande”; um talho fundo na carne do mapa: Américas e Áfricas margeiam/Um navio negreiro como fica:/Mar de sal, sangue e lágrimas no meio [...]/De uma ferida que não seca nunca.

Segundo o grupo literário Quilombhoje, a literatura afro-brasileira é “revolucionária” e “vem com a força do quilombo”. O

Quilombhoje vem editando desde 1983 ininterruptamente, os Cadernos Negros, com publicações anuais de cooperativa financiadas pelos próprios autores. São cadernos de poesia e de prosa e constituem um verdadeiro marco na literatura de expressão negra ou literatura negra.

Essa tomada de posição literária relaciona-se com os movimentos de conscientização dos negros brasileiros que marcam o início do século XX e vem ganhando contornos mais nítidos e definidos ao longo desse período histórico, com maior ou menor evidência. Do mesmo modo, data de 1915 o aparecimento, na imprensa, de periódicos especializados, entre eles, *Menelik* (1915-1935), *O Clarim da Alvorada* (1924-1937), *Voz da raça* (1924-1937); em 1931 surge a *Frente Negra Brasileira*. Depois de 1945, surgem outras publicações e movimentos como o *Teatro Experimental do Negro*, em 1944, de onde se ressalta a figura de Abdias do Nascimento, também fundador, em 1968, do Museu de Arte Negra; Movimento Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCAR), depois Movimento Negro Unificado (MNU) (1968); do Centro de Cultura e Arte Negra (1968) e, no âmbito oficial, cria-se, nos anos de 1980, a Fundação Palmares. Mais recentemente escritores como Carolina Maria de Jesus, Cuti, Maria da Conceição Evaristo de Brito, Geni Mariano Guimarães dentre outros figuram entre os escritores negros, com significativa presença feminina nas letras negras brasileiras.

Após essa breve incursão, podemos considerar que ainda há um longo caminho a percorrer e o dossiê número 20 da Revista *Alere*, que ora se apresenta, pretende proporcionar maior visibilidade à literatura negra e literatura afrodescendente. Trata-se de estudos realizados no âmbito do Projeto de Pesquisa “Literaturas Africanas de língua Portuguesa: Interculturalidade e descolonização”, realizado pelo Grupo de Pesquisa Africanidades e Descolonização (AFRID), no Campus Universitário do Araguaia, UFMT, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso-FAPEMAT - Edital Universal 2015. Desse grupo participaram

estudantes de Graduação com pesquisas de Iniciação Científica, trabalhos de conclusão de curso e pesquisas de mestrado e doutoramento realizadas junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL-IL-UFMT). Também colaboraram com o Projeto pesquisadores convidados que proferiram conferências e cursos promovidos pelo AFRID. Esse grupo de pessoas colaboram neste dossiê.

Abre o número o artigo de Tereza Ramos de Carvalho e Isadora Barreto Bacchin que discutem a obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis sob a perspectiva da diáspora negra. Em seguida, Tereza Ramos de Carvalho assina com Daniela Soares dos Santos e Laércio Silva dos Santos, uma discussão sobre ancestralidade africana na literatura brasileira e a identidade cultural do sujeito diaspórico também na obra de Maria Firmina dos Reis. Depois da voz precursora de Maria Firmina dos Reis, seguem estudos sobre a literatura afro-brasileira contemporânea e Sueli Meira Liebig aborda Carolina Maria de Jesus sob a perspectiva da memória, enquanto Wesley Rocha e Marinete Luzia Francisca de Souza abordam outra obra da mesma escritora sob o prisma derridariano. Daniele Sena, Monica Maria dos Santos e Marinete Luzia Francisca de Souza dedicam-se aos estudos da memória na obra de Conceição Evaristo. Laís Ferreira e Divanize Carbonieri retomam os estudos sobre diáspora, por meio do exame da obra *Um defeito de Cor*.

Outros aportes ao debate são oferecidos por Lucy Miranda Nascimento com um estudo da literatura afro-latino-americana e suas vozes transafricanas e por Hérica Jorge Pinheiro, que analisa a poesia de dois ícones da luta anticolonial na África e fora dela, o angolano Agostinho Neto e o leste-timorense Xanana Gusmão. Já Cláudio Leal reflete sobre o racismo no futebol.

Fechando o dossiê, o escritor leste-timorense Abbé Barreto traz-nos um conto em língua portuguesa e em *tétum*, língua nacional e oficial em Timor Leste que resulta de uma mistura entre o português e o malaio, uma língua crioula. A criolização presente no texto de

Barreto, assim como a diáspora negra, resultam da experiência colonial, seja ela considerada positiva ou negativa.

Conforme afirmamos no corpo dessa apresentação, esperamos, com esse dossiê, proporcionar maior visibilidade à literatura negra/africana e à literatura afrodescendente, ao mesmo tempo que agradecemos aos editores da Revista *Alere*, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Tangará da Serra, pela profícua parceria com o Curso de Letras do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, do Campus Universitário do Araguaia e desejamos uma excelente interlocução aos nossos leitores e pesquisadores.

PROF.^a. DR.^a TEREZA RAMOS DE CARVALHO
PROF.^a. DR.^a MARINETE LUZIA FRANCISCA DE SOUZA
PROF.^a. DR.^a MADALENA MACHADO
(ORGANIZADORAS)